

Espite na Rota do 8.º Centenário

Freiria a Ferro e Fogo (II) ¹

Vimos no episódio anterior que o administrador do concelho cercou, com uma força armada, o lugar da Freiria, mais propriamente, a zona onde se situava a casa habitada por José Pereira Marques, cujo filhos Joaquim e João eram acusados da morte de José de Sousa, na noite de 28 de Fevereiro para 1 de Março do ano de 1865.



Este cerco visava, não só a captura dos presumíveis assassinos, mas também, dar protecção e inculcar confiança aos residentes no lugar, para que não receassem prestar declarações no auto de investigação em curso para ser presente à justiça, conjuntamente com os acusados de assassinio. É que *«José Pereira Marques é pessoa rica e temida no lugar da Freiria e freguesia de Espite»*, escrevia o administrador do concelho.

Cerca de duas semanas depois dos trágicos acontecimentos e do cerco a que acabamos de aludir, o administrador do concelho decide levantar o cerco, enviando ao comandante da força estacionada na Freiria, ordens para se apresentar em Ourém. *«Nesse sentido eu oficio ao Governador Civil, assegurando-lhe que não se torna necessária a permanência da força naquele sítio»*.

Dos documentos oficiais não transparece com clareza o que aconteceu aos presumíveis culpados deste crime.

Porém, no subsequente mês de Julho, vem à ribalta outro escândalo na freguesia e que teria a ver com a viciação ou subtracção dos livros de baptismos, de nomes de mancebos para o recenseamento do Exército. Justamente, os acusados, eram: José Pereira Marques Júnior, da Freiria, Matias Mendes, da Maia e o próprio Prior da freguesia, Padre João de Sousa Pereira Saraiva.

A propósito deste caso, o administrador na sua correspondência com o subdelegado do Julgado de V. N. de Ourém, expressava-se assim: *«Inútil será dizer a V. S.^a que a informação que dirigi ao Governo Civil é baseada no receio que tenho de que fique impune, José Pereira Marques Júnior, do lugar da Freiria, o qual, pertencendo à família mais rica daquela freguesia, tem conseguido, como V. S.^a*

¹ AHMO, correspondência enviada pelo administrador do concelho a várias entidades, ano de 1865.

ultimamente presenciou, que nem tão pouco ficasse pronunciado um seu irmão João, sobre o qual pesavam graves indícios de culpabilidade no assassinato de José de Sousa, morto em sua própria casa, pelas dez ou onze horas da noite de 28 de Fevereiro último, quando a própria mulher do assassinado declarou perante mim e de V.^a S.^a que aquele José Pereira Marques lhe pedira que não culpasse seu irmão Joaquim, mas que João, também seu irmão, havia matado o seu marido».

Creemos que, nem com este alerta, as coisas melhoraram a nível da aplicação da justiça, dada a grande riqueza e conseqüente poder de que gozava esta família.

Os documentos oficiais encontrados não nos permitem concluir, com segurança, qual o castigo que foi aplicado no caso do assassinio, nem tão pouco, no caso que referimos acima, de falsificação ou subtracção de nomes de mancebos que deveriam constar do recenseamento militar.

Carlos Lopes

Vejamos como é que Carlos Lopes encaixa nesta história do crime cometido na Freiria. Há meses, em conversa com o Sr. Júlio Pereira da Silva (Júlio Saibreira), este dizia-me que o Carlos Lopes teria vindo para Espite na sequência dum assassinio na família da que viria a ser sua noiva e mulher. Como a curiosidade aguça o engenho, encetei as investigações que conduziram a este desfecho, ou seja, Carlos Lopes, viria a casar com Mariana de Jesus, filha de José Pereira Marques e de Maria Teresa. Era, portanto, irmã dos citados, José, Joaquim e João Pereira Marques, da Freiria, a família *«mais rica e poderosa da freguesia d'Espite»*.

Aliás, do assento de casamento de Carlos Bartolomeu da Silveira Lopes, com Mariana de Jesus, realizado no dia 2 de Fevereiro de 1881, respigamos as seguintes informações: *«ele, de 36 anos, solteiro, escrivão de direito, natural do lugar dos Pizões freguesia de Ceissa, e morador em V. N. d'Ourém; ela, 43 anos, solteira, natural e moradora na Freiria. **Os nubentes ficaram residentes na Freiria.***

Os documentos não o dizem, porém, é muito provável que Carlos Lopes, escrivão em Ourém, conhecedor por via da sua profissão, de toda esta realidade, se tenha mostrado interessado por alguém proveniente de família tão abastada. Pensamos que esse facto terá pesado mais nesta união do que o intuito de constituir uma família normal, com filhos. A idade da noiva diz quase tudo.

Com este escrito concluímos este episódio, último deste título, e ficamos a saber alguns aspectos desconhecidos da vida do «Patrão Carlos», como era afectuosamente tratado.